



O certo é incerto?

Dinâmica 4

3º Série | 3º Bimestre

Professor

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	Ensino Médio 3ª	Coesão, coerência.	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

DINÂMICA	O certo é incerto?
HABILIDADE PRINCIPAL	H23 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.
HABILIDADE ASSOCIADA	H05 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
CURRÍCULO MÍNIMO	Analisar os diferentes recursos linguísticos utilizados na escrita de editoriais e ensaios.

Organização da dinâmica:

Professor/a, nesta dinâmica você desenvolverá as seguintes fases com seus alunos:

FASES	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	O incerto é uma estrada reta	Apresentação da dinâmica, leitura em voz alta e discussão.	20 min	Toda turma	Oral/ Coletivo
2	De vez em quando acerto	Organização dos alunos em grupos, realização e apresentação das atividades	30min	Grupos	Escrito/Oral/ Grupo
3	Depois tropeço no meio da linha. Autoavaliação	Questões objetivas	20 min	Individual	Escrito
4	Resta uma dúvida. Etapa opcional	Formação de Júri	20 min (sugestão)	Grupos	Atividade prática escrita e oral

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Fichas de leitura e atividades componentes do material do aluno e do professor.

ETAPA 1**0 INCERTO É UMA ESTRADA RETA****APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA, LEITURA EM VOZ ALTA E DISCUSSÃO**

Temas polêmicos, mesmo os da nossa área, devem ser tratados também em sala de aula, desde que façamos isso com muita coerência e sempre deixando espaço para as opiniões alheias (por mais estapafúrdias que possam nos parecer).

No segundo bimestre, o Currículo Mínimo da terceira série do Ensino Médio propõe que sejam trabalhados os gêneros ensaio e editorial. Pensando nessa proposta, esta Dinâmica tem por objetivo abordar a Habilidade 23, qual seja: estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

Além da intimidade com as características estruturais desses dois gêneros, identificá-los e construí-los demandam o conhecimento e o uso de elementos gramaticais responsáveis pela coesão e coerência textuais. Abordaremos, então, por meio de exercícios (na Fase 2) conhecimentos sobre a utilização de determinadas palavras das classes das conjunções, dos advérbios, dos pronomes, dos substantivos e dos adjetivos responsáveis por grande parte da textualidade. Além, é claro, de verificarmos recursos como sinônimos, antônimos e hiperônimos.

Buscar-se-á levar os alunos a refletirem sobre os usos desses mecanismos como fundamentais a boas análises e construções ideológicas textuais. Para isso, selecionamos textos sobre o mesmo tema pertencentes ao gênero ensaio e editorial – que se fundam basicamente na tipologia argumentativa – a fim de que os alunos observem as estratégias gramaticais que servem de apoio à construção de suas opiniões. Lembre-se da importância, no momento da leitura, de sua intervenção. Ressalte, por exemplo, a pertinência de determinadas escolhas, como a das conjunções (e suas características, entre elas: adição, adversidade, concessão) e a dos advérbios (e suas circunstâncias – modo, tempo, finalidade), para a ideia pretendida pelo autor.

As fases seguintes são referentes à apuração da aprendizagem. A Fase 3 agrega questões de múltipla escolha de vestibular e na Fase 4, opcional, propõe-se a construção de um editorial em que os alunos exponham sua opinião sobre os fatos discutidos nos dois textos desta Dinâmica.

A mídia em geral tem por objetivo expor fatos, esclarecer a população sobre determinadas assuntos, mas principalmente convencer-nos a compartilhar de suas opiniões – que nem sempre são as mais corretas e justas. Por isso, devemos estar atentos às estratégias linguísticas utilizadas na construção de textos como editoriais e ensaios (frequentemente aqueles que possuem maior carga persuasiva).

Nesta Dinâmica, propõe-se estudar a utilização de alguns elementos da língua que ajudam a fundamentar a argumentação dos autores. Entre eles, destacamos aqui o uso de advérbios, conjunções, pronomes, sinônimos e antônimos.

Você ficará surpreso com a importância das escolhas desses elementos para a construção das ideias (e muitas vezes ideologias) dos textos. Você verá, por exemplo, que uma conjunção, um determinado advérbio ou mesmo a adoção de um sinônimo podem fundamentar toda uma linha de pensamento.

Vamos agora observar na coletânea de textos a seguir como algumas dessas estratégias gramaticais foram, minuciosamente, eleitas por seus autores para embasar suas ideias.

Condução da atividade

- *Solicite que os alunos leiam os textos em silêncio a fim de que tomem ciência do assunto a ser trabalhado.*
- *Fomente uma discussão inicial sobre o uso de alguns elementos (que você julgar importantes) responsáveis pela coesão.*
- *Explicito o valor de uma conjunção, de um advérbio, sempre que necessário, durante a leitura silenciosa dos alunos.*
- *Demonstre as diferenças na construção de um editorial (baseado em uma opinião) e de um ensaio (baseado em tese, em dados, regras).*
- *Leia de modo compartilhado o texto e faça algumas perguntas durante a leitura, a fim de verificar se estão atentos.*
- *Controle o tempo.*

Professor/a,

Esta Dinâmica possui o objetivo principal de trabalhar com os alunos o conteúdo relativo às estratégias de coesão e coerência textuais.

Você deve procurar explicitar a importância das escolhas de determinados recursos linguísticos para a tessitura do texto. É também fundamental que deixe claro que os textos desta Dinâmica são produzidos a partir da defesa de teses, logo, são de base tipológica argumentativa. Isso revela a intenção dos autores que os produziram de persuadir o leitor.

Optou-se por usar textos com opiniões e temática iguais, mas adotou-se o critério de que fossem de dois gêneros distintos. O primeiro é um editorial e o segundo, um ensaio. Mencione que os editoriais, em regra, não têm assinatura, o que significa que as ideias neles expostas e defendidas refletem a perspectiva do veículo em que circulam. No editorial da coletânea, no entanto, isso não acontece. Desse modo, podemos ver que é uma exceção à regra, coisa que pode acontecer e nos mostra que os padrões oferecem um ponto de referência no qual nos apoiarmos, mas não podem servir como camisas de força para o nosso pensamento e ação.

Esta Dinâmica é também uma oportunidade de expor as falácias que têm sido divulgadas pela mídia, de modo geral, sobre uma suposta defesa (de parte dos profissionais de ensino de língua portuguesa) de uma variedade não padrão do português como sendo a correta.

Inicialmente, deve-se promover uma leitura silenciosa, seguida de outra – mediada por você – com a finalidade de ressaltar determinados usos de conjunções, pronomes e advérbios.



TEXTO I

As redações do ENEM (Editorial) (Fragmento)

Ricardo Noblat

Depois de examinar mais de 30 textos enviados por candidatos que atingiram a pontuação máxima no último Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), acompanhados da confirmação, pelas universidades federais, de que foram aprovados no vestibular deste ano, o jornal O Globo constatou que muitas redações continham erros de grafia como “rasoável”, “enchergar” e “trousse” e graves erros também de concordância, acentuação e pontuação. Embora tenham recebido a nota 1.000, no Enem de 2012, essas redações não atenderam às exigências da primeira das cinco competências avaliadas pelos corretores, que exige dos estudantes demonstração do “domínio da norma padrão na língua escrita”.

Há dois anos, a imprensa noticiou que o MEC distribuía, por meio do Programa Nacional de Livros Didáticos, obras que toleram e até justificam erros gramaticais. O livro mais polêmico considerava correta, por exemplo, a frase “nós pega o peixe”.

Justificando a distribuição desse livro, as autoridades educacionais disseram, na época, que é preciso aceitar a fala que “o aluno traz de sua comunidade” e que “a cultura dele é tão válida quanto qualquer outra”. No caso dos textos do Enem que receberam pontuação máxima, apesar de estarem repletos de erros gramaticais, elas alegam que a correção de um texto é feita “como um todo”.

Esses argumentos são absurdos. Como admitir que vestibulandos ainda não saibam redigir um simples texto, por se encontrarem num “processo de letramento em transição”? E como aceitar que alguém que tenha “excelente domínio das estruturas da língua portuguesa” cometa erros gramaticais primários?

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/03/21/as-redacoes-do-enem-editorial-490281.asp>.

Acesso em: 28 mar. 2013.

VOCABULÁRIO:

Letramento: a condição que se tem, uma vez alfabetizado, de usar a leitura e a escrita como meios de adquirir conhecimentos, cultura etc., e estes como instrumentos de aperfeiçoamento individual e social. Conjunto de práticas que indicam a capacidade de uso de vários tipos de material escrito. [F.: *letra + -mento*.]

TEXTO II

As redações com “encherar” e “trousse” no Enem: luta de classes na gramática (Fragmento).

Flávio Morgenstern

Assim que saiu o espelho da redação do ENEM, em fevereiro, o jornal O Globo pediu que estudantes que tivessem obtido pontuação máxima na prova (nota 1.000) enviassem suas redações. Para quem desconhece o que se “estuda” porta adentro de certos cursos de Letras das universidades brasileiras, o resultado foi assustador. Erros gritantes do uso da norma culta da língua portuguesa, como “rasoavel”, “encherar” e “trousse” passam batidos, desde que a redação, vista “como um todo”, esteja coesa.

Segundo nota publicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anysio Teixeira (Inep), “um texto pode apresentar eventuais erros de grafia, mas pode ser rico em sua organização sintática, revelando um excelente domínio das estruturas da língua portuguesa”. Essa visão “holística”, de ver um texto “como um todo”, ignorando suas partes constituintes, diluindo erros no todo, é a mesma desculpa da Homeopatia, que não é estudada como Medicina, mas fez sucesso entre linguistas brasileiros de importância meramente circunstancial e local (e só estudados à força graças ao MEC).

Os erros, então, não são anárquicos e aleatórios, mas se encaixam em padrões. Uma criança aprendendo a falar copiando os adultos troca “eu sei” por “eu sabo” (por analogia: se “beber > eu bebo”, então “saber > eu sabo”), erro que adultos de qualquer classe social não costumam cometer. Já falar “bicicreta” é um erro marcado das classes sociais com pouca renda e estudo. É um erro mais estigmatizado socialmente (não aquilo que se fala por acidente e rende só umas risadas no bar). Já erros de concordância verbal que são comuns, por exemplo, a jornalistas, quando escrevem longas sentenças cheias de apostos (portanto, comuns à linguagem escrita), e assim se acaba usando diversas sentenças com tempos verbais diversos que acabam confundindo o próprio leitor, já é um erro mais “tolerado” socialmente, pois trata-se (sic) de erro “de gente letrada” (note-se que há um erro de concordância nessa sentença que ficaria horrível sem o monte de frases intercaladas que o “escondem”).

Obviamente que a língua não é como a matemática – até mesmo sua lógica é própria e variável conforme o tempo. Por exemplo, o emprego de “entre você e eu” é errado, pois “você e eu” estão na condição de objetos indiretos na sentença, e “você” é pronome de tratamento derivado de “Vossa Mercês”, que o português brasileiro adotou como pronome pessoal no lugar de “tu” na maior parte das regiões do país (e, sendo pronome de tratamento, é invariável), ao passo que “eu”, pronome pessoal *stricto sensu*, se torna “mim” na condição de objeto indireto (o único resquício de declinação que o português herdou do latim). O correto, então, é “entre você e mim”, embora a confusão que o pronome “você” causou na língua provavelmente fará com que esta regra logo deixe de ser assim encarada. Todavia, note-se que falar “entre você e eu” ainda tem um valor muito distinto de proferir “chicrete” ou “iorgute”.

No entanto, na versão de correção “como um todo”, esses pequenos “desvios” (o eufemismo da moda para “erro”) são tolerados, já que não farão diferença para ninguém (já que ninguém leva as usinas nucleares de Angra a sério, mesmo).

Ainda acreditando que foi um bruxo maligno buscando um feitiço para aumentar a desigualdade social quem criou as regras gramaticais tão somente para fazer exclusão social dos pobres, não percebem que *a norma da língua segue o uso, e não o contrário*.

Disponível em: <http://www.implicitante.org/blog/as-redacoes-com-enchegar-e-trousse-no-enem-luta-de-classes-na-gramatica/>

Acesso em: 28 mar. 2013.

VOCABULÁRIO:

Coesa: unida, costurada.

Holística: a palavra hólós veio do grego e significa inteiro; composto. Segundo o dicionário, holismo é a tendência a sintetizar unidades em totalidades, o que se supõe ser próprio do universo. Sintetizar é reunir elementos em um todo; compor.

Homeopatia: prática da medicina voltada para o uso de substâncias naturais manipuladas personalizadas, vista pela medicina tradicional como alternativa e rejeitada por muitos médicos.

Anárquicos: confusos, desordenados, desorganizados.

Aleatório: que repousa sobre um acontecimento incerto, fortuito: contrato aleatório.

Stricto sensu: é uma expressão em latim que significa, literalmente, "em sentido estrito", "em sentido específico", por oposição ao "sentido amplo" (*lato sensu*) de um termo.

Distinto: diferente.

Proferir: pronunciar, dizer em voz alta. Exarar, decretar, publicar.

Eufemismo: é uma figura de linguagem que emprega termos mais agradáveis para suavizar uma expressão.

Caleidoscópio

Os mitos que geram o preconceito linguístico

Para analisar como se constrói o preconceito linguístico, o linguista Marcos Bagno relaciona oito mitos, que revelam o comportamento preconceituoso de certos segmentos letrados da sociedade. Vejam:

Mito nº 1 – “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.”

Mito nº 2 – “Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português.”

Mito nº 3 – “Português é muito difícil.”

Mito nº 4 – “As pessoas sem instrução falam tudo errado.”

Mito nº 5 – “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão.”

Mito nº 6 – “O certo é falar assim porque se escreve assim.”

Mito nº 7 – “É preciso saber gramática para falar e escrever bem.”

Mito nº 8 – “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.”

Para saber mais, acesse:

<http://www.mundodse.com/2011/06/os-8-mitos-do-preconceito-linguistico.html>

ou http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000200017

ETAPA 2

DE VEZ EM QUANDO ACERTO



ORGANIZAÇÃO DOS ALUNOS EM GRUPOS, REALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

Na vida, é fundamental que sejamos atores de nosso conhecimento. Aprender fazendo é muito bom, mas é muito melhor quando conseguimos fazer com a ajuda de um ou mais colegas.

As atividades propostas a seguir servirão a você e a seus colegas como instrumento de sistematização de mecanismos linguísticos que estruturam a argumentação.

Vamos, então, com a ajuda do professor, montar grupos para desenvolver algumas atividades que nos serão propostas juntos.

Condução da atividade

- *Separe os alunos em grupos de 4 a 5 componentes.*
- *Recomende ao grupo a escolha da função de cada componente, por exemplo, um poderá ser o revisor final de uma atividade, responsável pela apresentação oral das resoluções solicitadas por você.*
- *Oriente-os a fazer registros pessoais no seu material, mesmo que apenas um membro do grupo seja o relator da atividade.*
- *Divida o tempo de maneira que o grupo possa apresentar suas dúvidas e que você possa indicar novos rumos se for necessário.*
- *Explique que algumas atividades demandam ao aluno uma atenção individual, por isso, no momento de tais atividades, peça que se voltem apenas para seu material.*
- *Verifique se todos estão realizando as tarefas conjuntamente.*
- *Mantenha-se à disposição para dirimir dúvidas que possam surgir ao longo das atividades.*
- *Controle o tempo para todas as etapas do processo.*
- *Assuma o papel de mediador no momento de proceder à correção.*
- *Permita que a turma se expresse ao solicitar as respostas aos exercícios propostos.*
- *Respeite as falas dos alunos e aprofunde o conteúdo necessário a partir dessas intervenções (dê outros exemplos, exponha detalhes, peça que vejam outros fatores).*
- *Atente para possíveis incorreções nas respostas, que podem denotar dificuldades na compreensão das ideias e dos conteúdos mais importantes, e as resolva.*

Professor/a,

Nesta etapa, você poderá verificar se os alunos conseguem expressar, de maneira escrita, as ideias que já foram discutidas na primeira fase. São propostas atividades de leitura, reescritura e inferência, entretanto, você, certamente, à medida que for desenvolvendo as atividades, perceberá o quanto se poderá ampliar a avaliação: seja de forma oral ou ainda escrita.

É verdade que conduzir atividades em grupo é uma tarefa árdua, mas para os alunos tal atitude é importante, porque os exercícios feitos dessa forma aumentam as possibilidades de resposta, produzem dúvidas. Em grupo, os alunos aprendem a respeitar opiniões. Por isso, seu papel de mediador é fundamental. Caminhe por entre os grupos, dê sua opinião, lance dúvidas, questione, vá ao quadro e sintetize temas que você ache pertinentes, retome o texto, ajude no conteúdo, disponibilize outros exemplos.

O exercício 1 fundamentará a construção da temática e da opinião expressa, principalmente no Texto I, mas que servirá de norte ao entendimento também do Texto II. Assim, propomos o seguinte gabarito. **Na letra a**, espera-se que respondam *ser a indignação do autor o fato de as redações do Enem terem notas altas ainda que tenham erros de português*. **Na letra B**, que os alunos apontem a conjunção “*embora*” e digam que ela marca uma concessão. **Na letra C**, sobre a indignação que marca a tese do autor, espera-se que respondam “*sim*”, pois ele demonstra no texto não concordar com a opinião da banca de que a redação é corrigida com um todo. A resposta **da letra D** deve ser: *o critério de correção é absurdo. Está implícita. O autor apenas deixa clara sua opinião na parte final do texto quando afirma: esses argumentos são absurdos*. **Na letra E**, pergunta-se quais são os argumentos que o autor usa para embasar seu ponto de vista. Espera-se que o aluno diga que são: *não é possível admitir que vestibulandos ainda não dominem a língua portuguesa e o MEC já cometeu outros erros, como foi o caso do livro que defendia ser correta a frase “nós pega o peixe”*. Para fechar essa questão, **na letra F**, pergunta-se se esses argumentos são corretos, além de pedir a justificativa. Você pode promover uma reflexão acerca da opinião do autor. Se quiser, informe os alunos do objetivo do MEC ao distribuir um livro de português com a variante “*nós pega o peixe*”. Observe que não se tratava de endossar o erro de concordância, mas de se mostrar aos alunos que há diversas variantes da língua portuguesa que são funcionais segundo os critérios de comunicabilidade, e isso é muito diferente de defender a ignorância em relação à língua padrão. Conclua aproveitando para destacar a importância fundamental de se analisarem todos os lados de uma questão e de se ter senso crítico diante das informações e opiniões veiculadas pela mídia. A resposta da **questão 2** é *a de que o MEC já vem errando há muito tempo quando o assunto é língua portuguesa*; a da **questão 3**: *“Que os erros cometidos ocorrem na parte essencial da língua, logo devemos supor que eles são mais graves em partes mais complexas, como o entendimento do texto, identificação de teses e argumentos, uso de estratégias de coesão ou coerência...”*; a **da 4**: *“A de que o ensino de língua portuguesa nas universidades brasileira está ruim.”*

A **questão 5** é mais baseada em conceitos gramaticais. O gabarito proposto seria: *“assim que saiu o espelho da redação do enem...”* (linha 1), resposta: **quando**; **tempo**. *“... desde que a redação, vista “como um todo”, esteja coesa...”* (linha 6), resposta, **se**; **condicional**. *“segundo nota publicada pelo instituto nacional de estudos...”* (linha 7), resposta, **de acordo com**; **conformativa**. *“... pois “você e eu” estão na condição*

de objetos indiretos na sentença.” (linha 27), resposta, **porque, explicativa**; e “... ao passo que “eu”, pronome pessoal stricto sensu...” (linha 31), resposta, **à medida que; proporcional**.

Na questão 6, espera-se que a resposta seja NÃO e o aluno deve argumentar que o autor deveria ser mais rigoroso em seu texto, já que defende a norma culta com tanto rigor. No entanto, é óbvio que devemos aceitar também a resposta contrária. Para tal, devemos ajudá-lo a fundamentar a sua opinião.

A questão 7 serve para mostrar aos alunos que textos de diferentes gêneros e autores podem expressar a mesma opinião.

E, finalmente, **a questão 8**, relativa aos gêneros trabalhados: O primeiro texto (editorial) expõe uma opinião genérica, mas o segundo (ensaio) tenta ser mais técnico e cita regras gramaticais.

Bem, caro/a professor/a, vale dizer que aqui foram propostos gabaritos, mas eles não devem ser vistos como a única resposta. Use sua experiência para aceitar outras possibilidades.



1. Releia o primeiro parágrafo do Texto I e responda ao que se pede.

a. Qual é a indignação do autor?

b. Que conjunção deixa clara essa indignação? Classifique-a.

c. Essa indignação marca a tese do autor? Justifique.

d. Que tese é essa? Ela está implícita ou explícita nesse parágrafo? Justifique.

e. Quais são os argumentos que o autor usa para embasar seu ponto de vista?

f. Esses argumentos são, em sua opinião, corretos? Justifique.

2. Ainda baseado no Texto I, no segundo parágrafo, aparece a expressão “Há dois anos”. Que tipo de argumentação esse trecho introduz?

3. O que o autor do Texto I quer que infiramos com a afirmação “erros gramaticais primários”?

4. Quando o autor do Texto II afirma: “*Para quem desconhece o que se “estuda” porta adentro de certos cursos de Letras das universidades brasileiras, o resultado foi assustador* (1º. Parágrafo)”, ele pretende estabelecer que tipo de crítica?

5. Substitua as expressões sublinhadas no trecho a seguir por outras de igual valor semântico (não se esqueça de dizer qual é esse valor)?

“Assim que saiu o espelho da redação do ENEM...” (linha 1).

“... desde que a redação, vista “como um todo”, esteja coesa...” (linha 6).

“Segundo nota publicada pelo Instituto Nacional de Estudos...” (linha 7).

“... pois ‘você e eu’ estão na condição de objetos indiretos na sentença.” (linha 27).

“... ao passo que ‘eu’, pronome pessoal *stricto sensu*...” (linha 31).

6. Nos segundo e terceiro parágrafos do Texto II, o autor usa três vezes a conjunção MAS. Isso ocorre também com outras palavras no decorrer no texto, tais como a repetição de COMO, QUE e POIS.

Sabendo que não é bom repetir palavras, porque isso determina, entre outros fatores, pobreza vocabular, diga se o jornalista segue em seu texto as regras rigorosas que ele tanto parece defender. Justifique.

7. Os autores dos dois textos defendem as mesmas ideias? Justifique.
-
-

8. Os dois textos pertencem a gêneros diferentes, embora tenham como base a tipologia argumentativa. Considerando que o primeiro é um editorial e o segundo é um ensaio, aponte o que os diferencia.
-
-

SISTEMATIZAÇÃO

Coesão e coerência

- a. **Coesão:** também conhecida como **conectividade sequencial**, é a ligação, ou seja, o nexos estabelecido entre as partes de um texto. Para que ela ocorra, é necessária uma ação conjunta de diferentes elementos gramaticais (tais como os pronomes, as conjunções, as preposições, as categorias verbais), lexicais (sinônimos, antônimos, repetições) e sintáticos (subordinação, ordenação, ordem dos vocábulos e orações).

A fim de facilitar a explicação, apresentaremos um esquema de classificação que divide os instrumentos de coesão em duas categorias: os gramaticais e os lexicais.

COESÃO	
GRAMATICAL	LEXICAL
Frásica.	Reiteração.
Interfrásica.	Substituição: sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia.
Temporal.	
Referencial: anáfora e catáfora.	

1. Coesão gramatical

Estabelecida por meio das concordâncias nominais e verbais, da ordem dos vocábulos, do emprego de pronomes, do uso de numerais, advérbios (aqui, ali, lá), artigos definidos e indefinidos e de expressões de valor temporal.

2. Coesão lexical

Para se estabelecer essa coesão, usamos termos que retomam palavras ou expressões já mencionadas, mas que precisam ser novamente expressas. Quando esses termos são repetidos integralmente da mesma maneira como já foram apresentados, tem-se o mecanismo de **repetição**. Para não repetir palavras, opta-se por usar os processos de **substituição** que podem se efetuar por meio de sinônimos, antônimos, hiperônimos ou hipônimos.

- b. **Coerência:** a **coerência textual** é o instrumento que o autor vai usar para conseguir encaixar as “peças” do texto e dar um sentido completo a ele. Cada palavra tem um sentido individual marcado na mente do leitor, de acordo com a sua realidade cultural. Quando, no entanto, as palavras se combinam, essa relação entre elas é capaz de montar outros sentidos. O mesmo raciocínio vale para as frases, os parágrafos e até os textos. Cada um desses elementos remete a um sentido individual na mente do leitor e apresenta um tipo específico de relacionamento com os demais em um texto. Caso essas relações sejam feitas da maneira correta, teremos um conteúdo semântico compreensível.

ETAPA 3

DEPOIS TROPEÇO NO MEIO DA LINHA



AUTOAVALIAÇÃO – QUESTÕES OBJETIVAS

1. (Enem 2012) Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar do verbo “haver”, como em “hoje tem feijoada”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial, é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.

b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.

c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.

d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.

e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

Resposta comentada

A resposta é a letra [A], pois Marcos Bagno apresenta argumentos que justificam o uso de termos na linguagem coloquial considerados inadequados pela norma padrão. Na entrevista, adapta a linguagem às normas da gramática normativa, conforme o exigido nesse tipo de gênero textual. Não é a opção B, pois, na verdade, ele fundamenta seus argumentos, inclusive cita autores. Não é a C, pois não propõe que apenas falantes escolarizados usem a norma dita culta. Não é a D, pois a resposta é paradoxal (ou seja, criação de uma identidade, mas usando o padrão europeu). Não é a E, pois o número de falantes do vernáculo brasileiro é infinitamente superior ao português.



2. (Uespi 2012) Alfabetização, língua escrita e norma culta

Vivemos numa sociedade tradicionalmente pouco letrada. Nesse sentido, bastaria lembrar que temos ainda por volta de 15% de analfabetos na população adulta e que, entre os alfabetizados, calcula-se que apenas 25% podem ser considerados alfabetizados funcionais, isto é, só esta pequena parcela é capaz de ler e compreender textos medianamente complexos. Como consequência e apesar da expansão da alfabetização no último século, é ainda apenas uma minoria que efetivamente domina a expressão escrita.

Não há dúvida de que, se queremos alcançar níveis avançados de desenvolvimento, temos de romper essa limitação decorrente de nossa história econômica, social e cultural – que, por séculos, mantém concentrados a riqueza material e o acesso aos bens da cultura escrita nas mãos de poucos.

Para isso, é indispensável diagnosticar as muitas causas dessa situação e, em consequência, encontrar formas de enfrentá-la adequada e eficazmente. Andaremos, porém, mal se nem sequer conseguirmos distinguir, com um mínimo de precisão, *norma culta de expressão escrita*.

O uso inflacionado da expressão *norma culta* pode ter facilitado a vida e o discurso de algumas pessoas, mas pouco ou nada tem contribuído para fazermos avançar nossa cultura linguística. Continuamos uma sociedade perdida em confusão em matéria de língua: temos dificuldades para reconhecer nossa cara linguística, para delimitar nossa(s) norma(s) culta(s) efetiva(s) e, por consequência, para dar referências consistentes e seguras aos falantes em geral e ao ensino de português em particular.

Parece, então, evidente que é preciso começar a desatar estes nós, buscando desenvolver uma gestão mais adequada das nossas questões linguísticas por meio, inclusive, de um debate público franco e desapaixionado.

Essas questões linguísticas não são, claro, de pequena monta. Há toda uma história a ser revista, há todo um imaginário a ser questionado, há toda uma gama de valores e discursos a ser criticada, há todo o desafio de construir uma cultura linguística positiva que faça frente à danosa cultura do erro, que ainda embaraça nossos caminhos. (...)

Entendemos que o debate ganhará substância se começarmos por dar precisão à expressão *norma culta*. Continuar a confundi-la com *gramática* em qualquer um de seus dois sentidos (conceitos ou preceitos), com *norma-padrão* ou com *expressão escrita* apenas continuará escamoteando os problemas que estão aí a nos desafiar, quer na compreensão da nossa realidade linguística, quer na proposição de caminhos para o ensino do português.

(Carlos Alberto Faraco. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 29-31. Adaptado).

De acordo com o autor, a gramática de uma língua expressa dois sentidos, a saber:

1. O padrão e o culto.
2. O conceitual e o prescritivo.
3. O culto e o escrito.

Está(ão) correta(s):

- a) 1 apenas;
- b) 2 apenas;**
- c) 1 e 2 apenas;
- d) 2 e 3 apenas;
- e) 1, 2 e 3.

Resposta comentada

No último parágrafo do fragmento, o autor alerta para o fato de se confundir “norma culta” com conceitos e preceitos de “gramática”, “norma padrão” e “expressão escrita”. Nesse caso, alerta para o fato de que gramática, segundo sua abordagem, envolve duas linhas teóricas excludentes: conceitos ou preceitos. Isso valida a opção [B]. Não são as demais opções, pois, por exemplo, o par “padrão e culto” é usado como sinônimo no texto, logo não há oposição. Isso vai ocorrer, também, nas opções restantes, pois a afirmação do número 3 igualmente não produz um par opositivo.



ETAPA 4

RESTA UMA DÚVIDA. ETAPA OPCIONAL



FORMAÇÃO DE JÚRI

Diante da leitura dos textos desta dinâmica, vocês puderam observar quanta discussão há sobre o que é certo e o que é errado na língua.

Vamos agora fazer um julgamento sobre esse tema. O professor (que será o juiz) vai dividir a turma em dois grupos: um de defesa da variação linguística, outro contra o uso de quaisquer tipos de variante.

Para começar o debate, vamos escolher um dos mitos defendidos por Bagno e responder à seguinte interrogação: Afinal, é errado adotar variedades linguísticas?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1997.

CARNEIRO, A. D. **Redação em construção**: a escritura do texto. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português**: linguagens. Volume único. São Paulo: Atual, 2003.

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O ALUNO

- BAGNO, M. **A língua de Eulália**: uma novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1998.

O autor reúne em **A língua de Eulália** as universitárias Vera, Sílvia e a esperta Emília, que vão passar as férias na chácara da professora Irene. Sempre muito dedicada, Irene se reúne todos os dias com as três professoras do curso primário, transformando suas férias numa espécie de atualização pedagógica, em que as "alunas" reciclam seus conhecimentos linguísticos. Mais do que isso, Irene acaba criando um apoio para que as "meninas" passem a encarar de uma nova maneira as variedades não padrão da língua portuguesa. A novela flui em diálogos deliciosamente informativos. **A língua de Eulália** trata a sociolinguística como ela deve ser tratada: com seriedade, mas sem sisudez.

- LOBATO, M. **Emília no país da gramática**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

Também disponível na internet para download, esse é provavelmente o livro mais original de Monteiro Lobato, pois a língua é figurada como um país povoado por sílabas, pronomes, numerais, advérbios, verbos, adjetivos, substantivos, preposições, conjugações e interjeições. Quindim, o rinoceronte, é quem leva o pessoal do Sítio do Picapau Amarelo (Emília, Pedrinho, Narizinho e Visconde de Sabugosa) para lá, e é ele quem tudo mostra e tudo explica. Muitos estudiosos de Lobato já afirmaram que o motivo para que ele tenha escrito esse livro foi "vingança", por ter sido reprovado aos quatorze anos de idade na prova de Português.

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O PROFESSOR

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1997.

Obra de militância e combate ao preconceito linguístico. Cabe à escola, ao mesmo tempo, ampliar o repertório verbal dos aprendizes, garantindo a eles, antes de tudo, o acesso a múltiplas formas de falar e de escrever, desde as manifestações mais espontâneas da cultura popular até o cânone literário e a cultura erudita. Numa sociedade historicamente pouco democrática como a brasileira, essa tarefa exige, muitas vezes, um tom veemente, e esse livro assume sem rodeios uma postura política em favor dos que sempre ficaram à margem do poder dizer.

UCHÔA, C. F. **Tradição e inovação no ensino de língua e de literatura**. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/52.pdf>

Este artigo objetiva mostrar, no atual ensino do Português, a coexistência de práticas pedagógicas tradicionais com certas atividades direcionadas para uma mudança de orientação, com vista a um ensino produtivo, o que nem sempre tem sido efetivado de maneira competente. A variação linguística e a diversidade textual são dois tópicos especialmente focalizados.

